

## ANATOMIA DA PENUMBRA

**Guilherme Aquino Alves**  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)

Nos fragmentos incompatíveis com a vida, se sentava na mesa do bar cujo nome não se dera ao trabalho de ler. Despedaço do ser, ela era, e bebendo um gole da cerveja que exalava suor pelo copo, observava a noite e buscava desígnio. Ebriedade que emerge e transforma tudo em dessemelhante. A imundice do lugar, a bagunça, a refletia. E numa dança de olhares entre o sagrado e o profano, encontra um homem que a observa de forma diferente e nessa conversa silenciosa no qual nem interlocutores compreendiam voz velada, acaba partindo com ele do bar que jamais voltaria.

Adentrando em um quarto de hotel, levava junto de seu corpo uma bolsa vazia e ao beijar o desconhecido, abandonara a bolsa ao chão. A silenciosa dança voraz cobrava dos dois toda a energia que guardavam e com o toque da pele despida, a mulher sentia que seus segredos eram revelados. Era tudo preto e branco, como uma imagem sem saturação, e as feridas que escorriam deixavam pairando sobre o ar se era possível amar através delas.

O júbilo substituíra a angústia e os fragmentos da mulher deixavam de ser – despedaço – se transmutando em algo tão íntimo que se torna proibido descrever. O sexo criava raízes inquebráveis entre os dois e a mulher sentia que naquele momento o amava, mesmo sem saber o nome dele, mas isso não era problema, não conseguira lembrar o próprio nome. Naquela troca, a mulher sentia-se olhando no espelho e observando seu próprio eixo. O que era preto e branco, recebeu cor com a chegada do alvorecer, a mulher vestida de sol acima da lua com sua coroa de estrelas, brilhava dentro do quarto. O sacrilégio feito durante a penumbra era indiferente, pois ali o apocalipse terminava.

As sete cabeças e os dez chifres tinham se partido em um orgasmo e a vida da mulher tinha voltado ao normal. Seu reflexo não exibia nada familiar e ao olhar para o companheiro, observava o cansaço do homem. O constrangimento ocupava o corpo da mulher e ao se despedir do homem que

# da GAVETA

revista da graduação em letras unirio

jamais veria novamente, sentiu o desejo que aquela noite fosse eterna, mas não foi. Alba.